

Estamos procurando, nestas palestras introdutorias, caracterizar superficialmente o pensamento existencial e o clima que este pensamento cria, para podermos a partir dessa base adentrar o tema propriamente dito que este curso se propõe: a saber a influencia desse pensamento sobre a atualidade. Nessa nossa tentativa procurei dar aos senhores na última palestra uma vaga ideia das formas de ser que a análise existencial da nossa situação descobre. Proponho como tema da discussão de hoje o conceito do projeto. Este conceito surge do esforço de responder a um tipo de perguntas que são ligeiramente diferentes daquelas que nos preocuparam na última segunda-feira. Não última vez perguntávamos: o que sou e para onde estou me dirigindo? Hoje perguntaremos: o que devo fazer e como devo fazê-lo? O terreno das nossas últimas preocupações era o ser, o terreno das preocupações de hoje é o dever-ser, ou, como diz a filosofia tradicional, tratamos na última vez da ontologia, e hoje trataremos da axiologia.

A pergunta: "o que devo fazer?" pressupõe tácitamente que tenho a possibilidade de escolher meus atos. Pressupõe que sou pelo menos parcialmente livre. A nossa análise ontológica provou que a existência decadente não tem liberdade. Totalmente determinada pelas coisas que a rodeiam, essa existência não se preocupa autenticamente com a nossa pergunta. É verdade que formula, ela também, perguntas do tipo: "que devo fazer?", mas trata-se de pose, de um fazer de conta. Na realidade a existência decadente deixa levar-se ao sabor das influências que a arrastam e é joguete de forças que ignora. A existência decadente é particulamente inerte daquela massa amorfa chamada "a gente", e nessa turba anônima os seus movimentos chamados "negócios" e "ócio" são inteiramente previsíveis como o são os movimentos das coisas. Nas grandes cidades como São Paulo essa massa inerte da gente flui, toda manhã, das suas tocas pseudo-individuais, chamadas "lares ou residências" para cristalizar, em pontos determinados, em filas. Essas filas se derreem para dentro de caixas de lata de ferro chamadas "transportes coletivos" que despejam o seu conteúdo em lugares determinados chamados "aparelhos". Há existências decadentes que são arrastadas pumo aos aparelhos em caixas aparentemente individuais chamadas "Cadillac" por exemplo. Mas a forma estereotipada dessas caixas prova que sua individualidade é um fazer de conta. Despejada nas proximidades dos aparelhos a massa da gente põe-se a girar em função do aparelho num movimento cíclico chamado "funcionamento". A gente transformada assim em funcionária torna-se propriedade do aparelho, até que, em momento determinado, recomeça o movimento transportador em sentido inverso. Recolocada a gente nos seus abrigos precários, recristaliza em grupos pequenos ao redor de aparelhos chamados "televisão e rádio" cujos produtos uniformizados garantem a unicidade dos grupos dispersos. Como alternativa parte da massa flui para cavernas chamadas "cinemas", nas quais contempla, distribuída de modo geométrico em cadeiras, sombras estereotipadas na tela. Há interrupções periódicas desse movimento rotativo, chamadas "fins de semana". Nessas épocas determinadas a massa cristaliza em lugares como campos de futebol, ou prados de corridas, ou clubes de campo, para matar o tempo. Terei oportunidade, no curso destas palestras, de analisar com mais vagar as fases individuais desse movimento da massa inerte que tanto caracteriza a época presente. É óbvio que nesse clima a pergunta: "que devo fazer?" não pode ser autenticamente formulada. De ocorre no curso da conversa fiada que acompanha esse movimento inerte, trata-se apenas de uma pergunta retórica destinada a mascarar a verdadeira situação, que é de passividade.

A nossa análise ontológica provou, igualmente, que a pergunta "que devo fazer?" é significativa no clima da existência genuína. Provou, com efeito, que esse tipo de ser que é a existência genuína é caracterizado por atividade parcialmente livre, e procurou mostrar que essa liberdade é possível em virtude de uma vacuidade desse ser que articulamos pelos termos "estar aqui para a morte". Essa vacuidade permite a existência genuína de transcender a situação dentro da qual foi lançada e projetar-se, a partir dessa transcendência, sobre ela. A existência genuína está se projetando. Ela age de acordo com um projeto que escolheu. É aqui me encontro diante de uma dificuldade linguística que devo confessar aos senhores. Como disse o pensamento existencial surgiu, no significado técnico de termo "existencialismo", na Alemanha. Os termos que emprega são originalmente alemães, e devem ser traduzidos. O termo que estamos discutindo é "Entwurf", e sua tradução portuguesa é "projeto". Mas a tradução literal do termo alemão é "desjeto". A ideia básica é a seguinte: a existência foi lançada para cá sem ter sido consultada. Na sua decisão existencial de não deixar-se cair a existência se rebela contra o que podemos chamar o "destino". Ela se vira contra aquilo que a lança para cá, ela se desjeta. Essa virada contra as forças cegas e cretinas é justamente aquilo que o termo "projeto" procura articular de maneira condensada. A existência se projeta sobre a sua situação para libertar-se dela. É esta a ideia básica que os senhores devem manter em mente.

Disse que a existência é apenas parcialmente livre na sua escolha de projetos. Essa limitação da liberdade tem múltiplos aspectos e discutirei alguns entre eles. A existência, quando se encontra a si mesma, encontra simultaneamente ao seu redor coisas e os outros. A existência se encontra em situação determinada e determinante. Vejamos em que sentido posso dizer que a situação na qual a existência se encontra é determinada. Iluminarei apenas um único sentido, a saber: a situação na qual a existência se encontra é historicamente determinada. As coisas e os outros que a existência encontra ao seu redor são revelados, no ato de conhecimento que é a atividade do apreender, compreender e manipular, como resultantes de um processo. As coisas são como são, e os outros são como são, porque resultaram de um processo que de certa forma problemática é anterior ao meu estar aqui, e chamarei esse processo de "história sensu lato". Essa história não deve ser confundida com o meu tempo. O tempo histórico não é o meu tempo, no sentido por exemplo de ser o meu passado. O tempo histórico é uma qualidade de ser que descubro ao apreender e compreender coisas, e ao conversar com os outros. Essa historicidade que descubro na minha situação confere a essa situação uma forma determinada. Posso chamar essa forma por exemplo de "civilização ocidental da segunda metade do século vinte". Falando portanto historicamente, posso dizer que, ao me encontrar, encontro-me em situação do Ocidente da segunda metade do século vinte. Estou neste sentido em situação determinada. A minha situação é determinada também em múltiplos outros sentidos, por exemplo biológicos, (sou homem), econômicos, (sou burgues), geográficos, (sou paulistano) e assim em diante. Não discutirei esses outros sentidos da minha afirmativa que me encontro em situação determinada.

Em que sentido posso dizer que a minha situação é determinante? Aprofundemo-nos um pouco nessa pergunta: Encontro-me em situação determinada, isto é: minha situação tem forma. Como se explica essa forma? Ela é resultado de um processo que vai informando as coisas e os outros. Em outras palavras: a situação na qual me encontro tem forma, porque é a realização de inúmeros projetos. A forma da mi

minha situação atesta a passagem de inúmeras outras existências pelo mundo, uma passarem que em certo sentido é anterior à minha. Essas existências que passaram por aqui antes de mim impuseram a sua forma de ser sobre as coisas que encontraram, apreendendo-as, compreendendo-as, e manipulando-as de acordo com os seus projetos. Imprimiram assim à minha situação o seu estampo. A consequência disto é que a minha decisão de projetar-me contra a minha situação é uma decisão dupla: digo não às coisas que me cercam, e digo não às existências que antes de mim por aqui passaram. Ou, para recorrermos a uma terminologia clássica: a minha decisão de projetar-me é uma recusa de aceitar as limitações impostas tanto pela natureza como pela cultura.

Mas as realizações das existências anteriores fecham a minha situação de maneira progressiva, e isto é o significado existencial do progresso. Simplificando posso dizer que não posso realizar-me nas coisas nas quais os outros já se realizaram. Esta situação é ilustrada pela articulação da angústia de Alexandre Magno que tem a impressão de não poder realizar-se, porque Felipe já teria realizado tudo. Se compararmos por exemplo a nossa situação com a situação que cercava o homem renascentista, verificaremos que o progresso diminuiu radicalmente as nossas possibilidades de realizarmo-nos, porque já outros se realizaram. Tendo uma escolha menor de projetos, somos muito menos livres que os renascentistas. Neste sentido posso dizer que a minha situação é determinante.

Devo confessar, neste instante do argumento, que pessoalmente discordo virulentamente da análise existencial da nossa situação que estou lhes expondo. Isto dificulta a minha tarefa. Devo ser, por honestidade intelectual, interprete fiel de um pensamento que acho errado. Explicarei mais tarde porque acho errada esta análise, e prosseguirei agora no argumento. Estou portanto lançado dentro de uma situação cuja forma me determina da seguinte maneira: A passagem por aqui de outros crivou por assim dizer trilhas na minha situação e estou sendo lançado para cá para deslizar ao longo dessas trilhas pisadas rumo à morte. Essas trilhas pisadas são os projetos que os outros realizaram e dentro das quais sou lançado para repisá-las. São portanto, do meu ponto de vista, pseudoprojetos. Por exemplo: se me torno engenheiro eletrônico, ou limpador da canalização, ou ladrão, ou contador, ou deputado, não estou realizando autenticamente um projeto meu, mas estou realizando de novo um projeto existencial que outros antes de mim projetaram. Tenho talvez a impressão que escolhi a minha profissão, embora deva confessar que encontro essa profissão largamente préfigurada. Mas uma análise existencial honesta provará que minha escolha de profissão é pose. Fui forçado para dentro das trilhas pisadas pela situação dentro da qual me encontro. Posso ainda desviar-me um pouco dessas trilhas, e nesses pequenos desvios residirá a minha autenticidade. Mas progressivamente esse desvio está se tornando mais difícil; porque as trilhas, quanto mais pisadas, tornam-se crivos mais profundos e proíbem desvios. O progresso está se acelerando e automatizando, e posso prever desde já uma situação na qual desvios serão inteiramente impossíveis. Essa situação do futuro imediato estará inteiramente informada pelo progresso, que é a realização total de projetos que me são anteriores. Será para mim uma situação inteiramente fechada. Não poderei projetar-me sobre uma situação na qual tudo já terá sido realizado. Não terei liberdade. A situação me forçará automaticamente para dentro de crivos pisados. Essa situação de decadência total, na qual não haverá existências autênticas e todo mundo será gente é a meta do progresso.

De con tempo a forma, a "Gestalt", dos crivos que informam a minha situação descub

ro que não é caótica, mas que parece ter sido planejada. Os projetos individuais das existências que por aqui passaram parecem ter sido sub-projetos de um projeto mestre. Analisando mais de perto a minha situação descubro que esse projeto mestre é aquilo que chamamos de "civilização ocidental" e que a minha situação é uma realização avançada desse projeto mestre. Relembro que projeto é o lançar-se da existência contra as coisas para apreendê-las, compreendê-las, e manipulá-las para decifrar o ser das coisas e da existência mesma. O projeto mestre que é a nossa civilização é um projeto neste sentido. A civilização ocidental é um decifrar do ser, no qual as coisas são decifradas como objetos, e as existências como sujeitos. Esse decifrar está muito adiantado na minha situação, de maneira que a objetivização das coisas e a subjetivização das existências está quase inteiramente realizada. O projeto mestre do Ocidente é a transformação de todas as coisas em objetos e, conseqüentemente, de todas as existências em sujeitos. Quando totalmente realizado, a situação será de sujeitos contemplando objetos. É uma situação escatológica que já podemos, aqui e agora, vivenciar no cinema. A meta do progresso ocidental é a transformação da situação em super-cinemascópio no qual o mundo objetivo será contemplado passivamente pela gente na plateia. Essa situação de passividade total e decadência total é a meta do progresso, e é aquilo que as nossas religiões chamam de paraíso, e o marxismo chama de sociedade perfeita, e o herelianismo de síntese derradeira.

Uma análise mais demorada provará que o projeto mestre do Ocidente não é o único projeto possível. Em outras palavras provará que ser objeto e ser sujeito não são as únicas formas de ser que podem ser decifradas. Existem, em outras palavras, civilizações e culturas diferentes da nossa, e que realizam ou realizaram projetos diferentes. Mas eu estou aqui agora. Na minha ânsia de me projetar autenticamente sinto-me angustiado pelo fechamento crescente da situação na qual me encontro, fechamento esse devido ao progresso inexorável. Mas não posso saltar para fora do meu projeto mestre. Os Estados Unidos são aquela parte do Ocidente na qual o nosso projeto foi realizado até agora de maneira mais avançada. As tentativas de saltar para fora do nosso projeto são portanto lá as mais violentas. Presenciamos aturdidos essas tentativas "hip" de saltar para o Zen budismo ou para o Yoga. Mas verificamos que essas tentativas hip são na realidade square, porque não passam de fugas. A assim chamada juventude transviada; os dharma bums, os outsiders, os angry young men, os Halbstarke, os beatniks e seus correspondentes soviéticos, são demonstrações da impossibilidade de saltar-se para fora do nosso projeto, tanto quanto o são os nossos playboys da rua Augusta. Não é desta forma que podemos projetar-nos autenticamente, porque esta maneira inautêntica de querer ser eu mesmo nega o fato primeiro, a saber o fato de que eu estou aqui agora. É, com efeito, uma outra forma de decadência, tão decadente quanto o é a forma do funcionário ou do turista. Esta análise da nossa situação conduz o analisador existencial para um terrível pessimismo. O nosso projeto mestre esgota rapidamente todas as suas virtualidades, elimina a liberdade, transforma inexoravelmente todos em gente, e não pode ser abandonado.

Por enquanto a nossa situação está ainda parcialmente aberta. Ainda existem províncias na nossa situação, nas quais ninguém se tem realizado. É sobre essas províncias que devemos projetar-nos para realizarmos o nosso estar aqui autenticamente. Nessas províncias ainda temos escolha. São principalmente as províncias da arte e de certas ciências pouco pisadas. É verdade que nos projetaremos sobre essas

provincias de uma forma prefigurada pelo projeto mestre que é o Ocidente... Mas dentro dessa figura muito ampla teremos vasto terreno para sermos autenticamente nós mesmos. Nessas provincias poderemos ainda apreender, compreender e manipular autenticamente. A nossa decisão existencial será portanto a seguinte: dizer não as trilhas pisadas e escolher trilhas pouco pisadas. Recusar as máscaras que a nossa situação nos quer impôr e que se chamam funcionário, ou especialista, ou espectador, ou turista, ou, negativamente, outsider, e escolher um autentico projeto realizador da vida. É esta a resposta que os pensadores existenciais dão a pergunta: "que devo fazer e como devo fazê-lo?" Nos detalhes que envolvem essa resposta discordam. Uns recomendam uma escolha de um único projeto e depois o engajement total a esse projeto, como por exemplo Sartre. Outros recomendam uma variedade sempre crescente de projetos, já que seria na variedade que reside a autenticidade, por exemplo Camus. Outros ainda recomendam um projeto que se dirige não para as coisas, mas para o interior da existencia, como descoberta paciente de si mesmo como por exemplo os teólogos existenciais. Embora sejam na prática muito diferentes essas recomendações, são resultado do mesmo tipo de análise da situação na qual nos encontramos e são, todas elas, fruto do desespero. O clima de frustração e do absurdo ronda todas as éticas e estéticas que resultam dessas recomendações oferecidas.

Os senhores recordarão que disse que discordo virulentamente da análise da situação que lhes tinha exposta. Faço-o pelas razões seguintes: Encontro-me em situação amplamente prefigurada pelas existencias que passaram por aqui para realizar-se. Devido a essa passagem encontro ao meu redor não somente coisas, mas também instrumentos. São os instrumentos os que atestam a passagem por aqui de outros. Estou portanto lançado não somente dentro da natureza, mas também dentro do mundo da tecnologia. O progresso faz com que a natureza esteja desaparecendo. A tecnologia torna-se onipresente. As florestas são formica virtual, as vacas são manteiga virtual, os rios são luz eletrica virtual, e os outros são virtuais produtores e consumidores. Se eu for a derrubar árvores ou ordenhar vacas, não estarei me projetando autenticamente contra ascoisas, mas estarei transformando coisas em instrumentos de acordo com projetos alheios. Neste sentido a natureza praticamente já desapareceu. E digo mais: a estas alturas as coisas poderão ser transformadas automaticamente em instrumentos. O progresso dispensará dentro em breve do funcionário humano. Instrumentos automáticos transformarão coisas em instrumentos, e instrumentos automáticas projetarão outros instrumentos a transformar automaticamente coisas em instrumentos. O progresso projetou instrumentos que projetam por sua vez instrumentos. É neste sentido que o progresso se automatizou e despensa progressivamente o fator humano. Não é somente a natureza que está desaparecendo, mas é também o homem no significado tradicional do termo que está desaparecendo. A meta do progresso não é apenas uma humanidade transformada em funcionarismo, mas uma humanidade transformada em funcionarismo aposentado. E se digo funcionário aposentado, não penso apenas no funcionário manipulador, mas inclusive no funcionário projetador da manipulação dos outros.

Mas a situação que acabo agora de estoçar requer uma análise nova. Estou aqui agora, e ao me encontrar a mim mesmo encontro-me rodeado de instrumentos virtuais ou efetivos. Estou lançado não contra coisas mas contra instrumentos. Os senhores recordarão como distingui na última segunda feira entre coisas e instrumentos. Digam-me que coisas estão ao alcance da minha mão e são o meu futuro, e instrumentos es